

## ODORES EM UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

Cássia Charrison  
Faculdade Angel Vianna (FAV)  
cassiacharrison60@gmail.com

### RESUMO

O texto: “ Conscientização do Movimento no Corpo Transtornado”, relata a vivência profissional de Cássia Charrison, bailarina, atuante no projeto Campo de Intervenção da Casa de Saúde Dr. Eiras em Paracambi no ano de 2005, no pavilhão nominado Santa Rosa, um dos piores do campo de concentração. Nesse local a profissional encontrou mulheres de diversas idades sempre despidas, largadas ao chão entre urina e excrementos e debaixo do sol causticante durante todo o dia. Cássia Charrison revela suas intervenções a partir do gesto, da dança e do movimento com essas pessoas, para que as mesmas pudessem iniciar o reconhecimento de si e de seu corpo e a partir dessa intervenção se inteirarem e integrarem para o processo de desinstitucionalização naquele momento já instaurado na instituição manicomial.

Muito mais ácidos em pavilhões de mulheres, essa foi a primeira impressão no contato de meu corpo, de minhas narinas, com esse local aziago, um pavilhão que abrigava algumas mulheres, na Casa de Saúde (?) Dr. Eiras, em Paracambi, no Estado do Rio de Janeiro. Bocas que exalavam o odor da podridão dos dentes, bem como dos alimentos recentemente ingeridos. Mãos com cheiro de manteiga e leite, rançosos, de fezes e do contato constante com o cú, com a boca e com a buceta, na busca de mais um orgasmo ou então do simples toque das mãos com essas partes. O passar a mão para se passar o tempo, porque não se tem nada a fazer em um campo de concentração. Cheiro dos corpos apinhados em montes para tomar sol, sol..., o grande potencializador de qualquer cheiro, de suor forte, de cú sujo, de buceta rançosa, de corpos não lavados, mas somente banhados com água dos chuveiros que ficavam constantemente abertos a desperdiçar água o tempo todo e sem utilidade para um banho. Os corpos sequer eram secos com toalhas, se secavam ao tempo, várias vezes durante o dia a ação de molhar o corpo era repetida.

A presença constante de moscas pousando o tempo todo nesses corpos e também no chão, na urina e nas fezes, em vermes que passeavam pelas canaletas umedecidas de água e urina e que, ao contato com o sol, também emanavam cheiros mais acentuados, ardidos e sufocantes, nauseantemente aviltantes e que geravam no corpo do outro, no meu, aqui no caso, sensações e reações de nojo, de vontade de chorar, de desespero e de uma insuportabilidade de ser e existir diante desses corpos, diante da situação de enorme descuido naquele local instaurada ao longo de anos. Logo no início, tive vontade de sair dali correndo para chorar, gritar, me banhar, me perfumar, lavar minhas narinas, cuspir e andar muito para respirar, lá fora do pavilhão, o cheiro de mato. Pavilhão de mulheres, denominado Santa Rosa (rosa, flor deliciosamente perfumada, bonita e formosa), no campo de concentração de pessoas com transtorno mental da Casa de Saúde (?) Dr. Eiras, em Paracambi. Um sítio cercado de muito verde, cores e odores desagradáveis quando se adentrava aos pavilhões do campo, do lado de fora quase sempre se sentia o cheiro do estrume do gado, trazido pela brisa e sempre interceptado pelo cheiro de merda humana (cheiro desagradável, ardido, ácido e fedido) que se juntava ao cheiro dos excrementos dos animais, bem como ao perfume emanado dos eucaliptos que proliferavam pelo grande espaço físico do sítio/campo de concentração/pavilhões de pessoas doentes e não tão doentes assim, esquecidas, adoecidas por indiferenças, desafetos e

descuidados até de quem supostamente deveria cuidar bem de si e de seu semelhante por escolha da profissão, a tropa de elite da Enfermagem. Essas mulheres tomavam banho todos os dias, mas, na realidade, se molhavam e passavam pelo corpo a massa concentrada de sabonetes amolecidos, massa essa que não lavava nem limpava, mas que escorregava pelo corpo e se juntava no ralo do banheiro produzindo entupimento e enchimento do recinto da água que escoava por todo o local, inundando-o. Cheiros de sabonete, urina e merda, tudo junto, odores fortes, entupimentos em um espaço entupido de gente, entupido de descaso.

Enquanto agora escrevo, preciso urinar, sai de mim muito líquido e preciso deixar sair o som, ahhh!, de alívio, não somente da pressão do líquido em minha bexiga, mas também das lembranças olfativas, táteis e visuais desses cheiros dos corpos ainda impregnados na descrição em minha escrita atual, inodora. Agora não sinto esses cheiros, mas eles estão em mim, posso descrevê-los com minúcias mesmo distanciada dos cheiros e das sensações que eles provocaram e ainda provocam quando penso e escrevo sobre eles. Naquele momento do contato direto com aquelas mulheres seria impossível se ter uma ação mais passiva, a não ser a ação ativa de se querer sair daquele local para poder respirar e me banhar. Como era impossível agir assim, pois aquele era um dos locais de meu trabalho com esses corpos, deixava que minha respiração se aquietasse diante de tantos odores desagradáveis para então poder agir com e para esses corpos tão fétidos, tão sujos, tão abandonados, tão desprezados.

Os corpos jamais deixaram de ser fedidos, após meses de intervenções com os mesmos. O fedor dos campos parece ficar eternamente impregnado nos corpos e basta que atualmente algumas daquelas pessoas não se banhem, ou suem um pouco, durante as aulas de Conscientização do Movimento, para que esse cheiro característico do campo de concentração emane de seus corpos.

Intervenções com música, dança, papel, tinta guache, tecido, pincel e lápis coloridos que quase sempre eram comidos. Basicamente todos os objetos passavam pela boca para serem percebidos e sentidos, até a massa de argila a ser moldada. As próprias fezes também eram comidas sem o menor constrangimento e para não causar desconforto a essas ações, tão absolutamente normais para algumas dessas mulheres, a abordagem tinha que vir com bastante delicadeza e entendimento desse fato, do significado para elas, do que era comer cocô. Em momentos diversos, as mãos sujas de merda seguravam meu braço até que o entendimento fosse

estabelecido entre elas e eu, olhos nos meus olhos que me desafiavam para ver se eu continuaria ali com as intervenções do afeto, do toque, do gesto, do movimento e da dança naquele lugar fedorento. O cheiro era insuportável, mas eu continuava com minhas ações até que a comilança terminasse e as mãos e os corpos fossem lavados por mim, que adentrava aos banheiros e provocava um outro tipo de banho a elas, um banho cantante e dançante ao mesmo tempo, um banho entremeado pelo contato das mãos pelo corpo para reconhecê-lo, para acariciá-lo, para lavá-lo e senti-lo em sua potência e prazer.

As ações da dança envolvem movimentos corporais diversos, deslocamentos pelo espaço e com esses estímulos brotava o suor e os cheiros evidenciavam-se por todo o corpo e pelo espaço do pavilhão, tornando-o insuportável para qualquer pessoa. Findada a aula, seguia o momento dos abraços por todas, simplesmente pela satisfação de se ter proporcionado prazer, alegria, dança e movimento ao corpo. Era o contato do corpo dançante fedido com o corpo da branca, meu corpo, alvo, limpo, cheiroso, corpo da bailarina. Meu corpo então passava a ser e ter cheiros dos corpos do campo de concentração. Aqueles corpos que depois das intervenções com a dança, mostravam-se com mais disposição e uma tímida alegria a despontar para o sentido maior de se viver, de vivenciar a vida.

Não se pode recusar um abraço, não se recusa abraços de braços, de mãos, de corpos que exalam cheiros diversos e bocas que te remetem àquilo que já apodrecera dentro delas. Não somente os dentes, mas a vida, aquela vida então e somente preenchida pelo descaso, pela ausência total de afetos.

Beijos melados e babados invadiam meu rosto em profusão, eu os recebia e sorria. O afeto não pode e nem deve discriminar os resultados de sua ação de afetar o outro, mesmo que estejam em condições de precariedade total de higiene como aqueles corpos que habitaram o campo de concentração da Casa de Saúde (?) Dr. Eiras. Corpos desdenhados por aqueles que em um momento os acolheram, mas, que, logo em seguida, os jogaram para escanteio sem a menor preocupação de preservarem a vida, a integridade do ser, a alegria, o gesto e o movimento.

“Dr<sup>a</sup> Cássia, desculpa, (no campo de concentração qualquer profissional com terceiro grau é Doutor), a senhora é nova aqui e eu tenho que lhe dizer que é muito perigoso ficar abraçando e dando as mãos aos pacientes, a senhora deve usar luvas, a senhora pode pegar

uma doença, a senhora não tem medo Dr<sup>a</sup>?”, “Eles podem bater na senhora!”, me preveniam os funcionários, “São muito agressivos, perigosos, tem gente aqui que até já matou”. Minha resposta: “ Brother, eu não posso usar luvas, não. Essas pessoas, esses corpos precisam sentir o toque de meus dedos em seus corpos, estou tocando para eles sentirem que ainda possuem pele, carne, músculos, ossos, veias, articulações, corpos, sensações, desejos, vontades, vibrações, para eles voltarem a existir, a sentir, a ir... a irem para a vida, que em momento algum deixou de lhes pertencer. “Não se preocupem, eu sei me proteger muito bem, afinal uso sempre camisinha”, completava eu com um pouco de humor, para não ser deselegante diante da deselegância total do descuidado ali reinante e me afastava para atender mais uma das milhares de pessoas enclausuradas no campo de concentração.

Em Dr. Eiras haviam 1.600 pessoas internadas quando lá cheguei, em setembro de 2004. Apenas um pavilhão já havia sido fechado, trabalhei por lá com dança, gesto e movimento até setembro de 2006. Peguei piolho várias vezes e sarna umas duas, três, mas nunca deixei de abraçar e beijar as pessoas do campo de concentração e dos hospitais psiquiátricos. Ainda as abraço, beijo, toco e danço com elas. Dançarei sempre com essas pessoas, meus irmãos. Agora já livres, de volta para casa, para as residências terapêuticas, para a vida, fora do campo de concentração.